

Histórias de Gente Simples

Prof. José Valente



A capela de Santo António

<http://www.historiasdegentesimples.blogspot.com>



Segundo a tradição, a ermida era uma das mais antigas do concelho e teria sido construída pelos Templários, sobre as ruínas de um lugar de culto dos Romanos que ali se acolhiam nas suas andanças em busca de minérios por aquelas terras da margem direita do Tejo, onde se acabavam as terras planas e largas e começavam as ribeiras e os montes.

Num pequeno plano do monte sobranceiro à actual vila, ao cimo da escadaria que desde a ponte romana subia a encosta, começou por haver uma pequena torre e um cemitério onde se recolhiam os frades dos conventos vizinhos quando precisavam de bons ares, boas águas e bons azeites. Ali também repousavam os que não resistiam aos rigores das maleitas e sucumbiam.

No local foi construída uma ermida rústica e, por sua influência foi-se formando o povoado, a poente. Seria onde, anos mais tarde, foi o Monte João Dias, que podemos aceitar como antepassado da vila de Mação. O ermitério manteve-se, por vários séculos, viu crescer no outro lado da ribeira, o casario que se estendeu pela ladeira acima e para norte, até onde hoje é a Levada.

Depois, há quase dois séculos, a ermida, com o tecto em ruínas e praticamente votada ao abandono, foi restaurada e tomou o aspecto actual, mantendo a traça primitiva do século XVI e vendo as paredes interiores revestidas a azulejos (datados de 1642) de características barrocas. Aqui aparece a primeira ligação com a actual igreja Matriz, cujos azulejos sugerem a mesma proveniência dos da capela.

O terreiro exterior, aplai-

nado está delimitado por muro baixo, de alvenaria, encimado por alegrete, interrompido por um cruzeiro de pedra, ainda bem conservado. Por fora do recinto, não já terreiro, abunda a vegetação e também casas rurais que descaracterizam a condição de ermida.

À direita da porta de entrada há uma pequena janela e à esquerda uma saliência cilíndrica, com acesso por dois degraus, em modo de púlpito exterior. As paredes, o muro da cerca e o púlpito foram, recentemente limpos e tratados e estão caiados de branco.

A capela, Imóvel de Interesse Público por dec.º de 1977, faz parte de um conjunto que parece ter delimitado a área urbana da vila de outros tempos. Além desta de Santo António, há a de São Bento, há as de S. Sebastião, o nicho das Encruzilhadas, a do Calvário e a do Espírito Santo. Foram todas absorvidas pela malha urbana da vila quando ela se multiplicou.

À volta da capela de Santo António giram muitos mitos, lendas, "estórias" e acontecimentos. Contava-me o meu avô, devoto de Santo António, que aquela capela foi cuidada e habitada por um monge que, durante muitos anos, ali viveu. Tinha o eremi-

ta poderes curativos extraordinários e a ele recorriam muitos doentes com males de pele, incluindo lepra, feridas infectadas e faltas de vista, ouvido e olfacto.

Os tratamentos, cuja base eram as boas águas, especialmente as férreas e as termiais, e o uso e abuso de bons azeites, tisanas e cataplasmas com flores silvestres a que não faltavam as "rosas de Santo António". Na comida, além de muitas frutas e verduras, era recomendado o uso e abuso de citrinos, abundantes na região.

Mas vamos às rosas:

Numa pregação feita do púlpito da capela de Santo António, o povo apanhou um malfeitor infiltrado com uma pedra, de mais de um quilo, preparada para ser arremessada ao monge. Interrompido o sermão, o frade pediu que lhe levassem a pedra, levantou-a como que mostrando-a e fixando-a na direcção do céu, deixou-a cair para junto dos pés e continuou a homilia. O frustrado agressor desapareceu, sem que ninguém mais o visse.

No final toda a assistência se olhava, encolhendo os ombros e alguns certificando-se que a pedra estava a um canto do púlpito, lá ficou e ainda lá está.

No dia seguinte, fazia-se a festa a Santo António e muitos romeiros que por ali se recolhiam durante a noite, estranharam alguns trovões que naquela época eram raros. Todos dormiram e até os doentes afirmaram depois que se sentiam aliviados das maleitas.

O andor, enfeitado com muitas e variadas flores e a imagem de Santo António, estava preparado e guardado na sacristia, para a procissão.

No dia da festa começaram a concentrar-se romeiros e doentes e com os primeiros raios de sol, as várias flores do alegrete tinham-se transformado todas em rosas de diversas cores mas todas muito bem cheirosas. Havia um forte aroma de rosas no ar e quando foram à sacristia buscar o andor, todos puderam ver que só havia rosas e bem cheirosas. A pedra continuava no púlpito e junto dela um ramo de rosas que o monge começou a distribuir pelos doentes. E rematava o meu avô:

Vê lá tu que durante mais de uma hora o frade deu uma rosa a cada doente e nunca se lhe acabaram as rosas na mão. E, cumprindo a tradição, enquanto o Mundo for Mundo não se acabarão as rosas na capela de Santo António.

Eu, que não tenho nada que me prove que foi o próprio Santo que esteve a entregar as rosas, nem nada que me afirme que não foi, digo como sempre ouvi dizer.

Assim, acho que é melhor não pensar mais nisso. Mas, para não me esquecer, sempre que puder, comprarei uma cautela na lotaria de Santo António, pode, algum dia, o meu santinho preferido lembrar-se de mim.

Cantinho da Filarmónica

Há Banda na aldeia Sonatas Desafi(n)antes



Tempos difíceis criam pessoas fortes, assim dita a sabedoria popular, quiçá, por tal despertar a mais intrínseca essência individual ao forçar uma reinvenção de comportamentos conjuntos.

A sociedade mundial tem consciência que vivemos uma época de mudança e reajuste, facto é que neste processo motivado por questões de saúde pública, todos, de uma forma ou de outra, nos vimos forçados a abdicar de algo, seja da nossa liberdade de locomoção ou do contacto com o outro, sendo este outro, muitas vezes, a própria família.

Ora chegados que estamos ao verão, período áureo dos reencontros familiares, dos festejos que enchem as nossas terras de cor, luz, alegria, cheiro e sabor, pessoas, devoção, música e dança em torno das festas e procissões em honra dos seus padroeiros, este ano é-nos exigido que renunciemos a essa partilha conjunta na esperança da reunião no ano vindouro.

Cientes dos nossos muito honrosos 158 anos de história de movimento associativo de função cultural e social de importância indubitável, na SFUM procurámos reinventar-nos no entendimento de que as nossas festas são um ápice de epifania da expressão da nossa identidade local e concelhia.

É missão da SFUM ensinar e divulgar a arte musical, e, atribuir à sua visão o fazer chegar à população a cultura musical, de excelência e raízes eruditas, de forma inclusiva provida de uma enriquecedora partilha geracional.

No seu espírito de união e entrega, no qual é vital manter vivos os valores de compromisso, responsabilidade social e cultural, a SFUM apresenta o projecto: **HÁ BANDA NA ALDEIA - Sonatas Desafi(n)antes**.

Anualmente, a SFUM, nas secções Banda Filarmónica e Funfarras, é convidada a participar nas procissões e pedetórios das nossas aldeias, prova redundante do quanto é indissociável da crónica cultural, social e religiosa local.

Não é, pois, segredo que estes denominados serviços de verão sejam vitais para a continuidade e subsistência da SFUM.

No entanto, cremos que a atmosfera deste ano nos permite dar mostra do quão gratos estamos aos Párocos e Comissões de Festas que, reiteradamente, nos fazem o convite de participar nos seus eventos envolvendo as gerações na atividade saudável ao criar, produzir e tocar música.

É com sentido de pertença, identidade de representação cultural e regional fundamental na construção de uma sociedade de dinâmica positiva e promissora, que a SFUM, desprovida de intento de retorno económico e grata pelo apoio da Câmara Municipal de Mação que compreendeu a pertinência deste projecto, propõe fazer pequenos concertos ao término das missas que dão mote aos festejos de verão de cada aldeia onde é hábito participar.

Cada exibição reflete o rigor e o brio da nossa Sociedade Filarmónica e muito em especial dos seus músicos, a quem desde já agradecemos a disponibilidade e espírito voluntário.

É nosso intuito levar música a alegria às nossas povoações com cuidado, respeito e dedicação, como tal todas as indicações e recomendações da DGS serão asseguradas, nomeadamente o distanciamento físico, o uso de máscaras de proteção e desinfetante.

Estivemos a 28 de junho de 2020 no Carvoeiro onde fomos muito bem-recebidos e contamos estar no dia 26 de julho em Monte Penedo, com um pequeno grupo de músicos cheios de vontade de partilhar a nobre arte da música.

A música é capaz de reproduzir, na sua essência, a dor que dilacera a alma e o sorriso que inebria, [porquanto,] é uma revelação superior a toda a sabedoria e filosofia.
Ludwig van Beethoven (1770-1827)



Neto & Antunes, LDA

Mecânica Geral - Bate Chapa - Pintura

Gerência de:

José Luis Maia

Tel.: 241107295

Tlm.: 964 169 644

Largo dos Bombeiros Voluntários, 13 A
6120-732 Mação

Casa Leonel de

César e Maria José Eira

Tintas, Vernizes, Silicones, Ferragens
Ferramentas, Cutelaria, Metais, Louças
Vidraria, Esmaltes, Materiais Eléctricos
Quinquilharias, Artigos Regionais e Religiosos

Agente revendedor **Gás OZ (Esso)**

Rua Pina Falcão, 14 - 6120-751 Mação
Tels: 967 603 524 / 964 544 318